

**BIBLIOTECAS ITINERANTES:  
LITERATURA COMO FERRAMENTA  
PARA O DESENVOLVIMENTO DE LEITORES**

*Melissa Eloá Silveira Nascimento (UERJ)*  
[meleloas@hotmail.com](mailto:meleloas@hotmail.com)

O ato da leitura envolve o desenvolvimento do conhecimento da palavra, enquanto signo e a visão crítica de mundo. Saber ler significa alcançar uma amplitude cognitiva capaz de interpretar e compreender uma informação em todas as suas possibilidades.

Perrotti (1999) *apud* Prado (1999) traça uma diferença entre o leitor e o leitor, em que o primeiro é aquele que apenas apreende a leitura na sua forma superficial sem preocupação com as significações, e o segundo, o leitor, é aquele que está em busca de todas as formas de compreensão do texto. Esta definição lembra-me uma citação de Mário Quintana (1973) que diz, “o leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.”

O verdadeiro leitor é aquele que faz da leitura não apenas passatempo, mas meio de crescimento pessoal e intelectual, que se dispõe a descobrir a literatura como caminho para mudança cotidiana e se depara com um leque de possibilidades de pensar.

Assim, ao tratar sobre o tema, sabemos que nem todos os brasileiros possuem este hábito e que, em nosso país, muito ainda há de se fazer para mudança do quadro do analfabetismo.

Evidentemente, o acesso à leitura não significa apenas ter bibliotecas públicas; o pleno acesso à leitura requer o conhecimento da palavra como instrumento de comunicação. Popularizar o ato de ler é uma experiência que se lapida em um pleno processo de construção do saber. Aprender a ler significa apreender o mundo e aprender a vê-lo nas várias interfaces, ou seja, possibilitar uma visão mais dual na relação do ser com o mundo em que vive. Ferreira (1993, p. 221) complementa que, “o conhecimento intelectual aparece como o suporte para a formação da cidadania, o instrumento básico para o salto qualitativo entre a consciência ingênua e a consciência crítica.”

## LEITURA E ORALIDADE

A leitura como instrumento de conscientização tem grande papel social no que tange a valorização do ser pensante em toda sua esfera de participação social e política, institucionalizar o gosto pela leitura é o mesmo que materializar a epistemologia do ser pensante.

E esta consciência crítica desperta o ser pensante para seu papel de verdadeiro cidadão, não apenas aquele de direitos e deveres, mas um ser participante e opinante. Ferreira (1993, p. 228) complementa que:

Não se trata de formar cidadãos que pensem poder resolver sozinhos seus problemas, mas pessoas que percebam o quanto precisam caminhar junto com outros, aprender a negociar seus conflitos, ganhar e seduzir seus companheiros para projetos que atendam aos anseios coletivos.

O hábito de ler está diretamente ligado à educação e à questão cultural. O acesso à escola, à biblioteca pública e ao livro como fonte de educação e cultura são atributos importantes na formulação de políticas que concretizem a democratização e o pleno exercício da cidadania. Entretanto, o acesso ao livro e à leitura necessita de iniciativas políticas mais concretas que tragam resultados mais incisivos.

Em todo país, iniciativas de popularização da literatura têm surgido com o intuito de mudança desse quadro e demonstram que alguns empreendimentos, mesmo com poucos recursos, conseguem a mobilização das pessoas. Na rua, em pontos de ônibus, metrô, parques têm surgido espaços que dão acesso a uma literatura vasta sem custo para leitores interessados.

Estas iniciativas, geralmente, são de pessoas da comunidade, profissionais, organizações não-governamentais e governamentais e empresas que se solidarizam e sentem-se motivadas a participarem com alguma iniciativa cultural-educativa na perspectiva de diminuir as desigualdades e acessibilizarem a população em torno.

A itinerância de bibliotecas tem sido uma das soluções encontradas para levar leitura e conhecimento à população, em se tratando de frequência, cada dia atende um público e, em alguns casos, desenvolve projetos educacionais e sociais nas comunidades. Como um agente facilitador sua atuação engloba a formação de leitores através da circulação de livros entre a comunidade, além disso, intenta valorizar o livro como propulsor de novos aprendizados.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Este tipo de biblioteca, que pode ser chamada de itinerante, volante ou circulante é um tipo de espaço que possibilita às comunidades que não possuem acesso a uma estrutura institucionalizada de biblioteca, é a oportunidade semanal ou mensal de realizar leituras, conhecer através do livro novas realidades. Irei adotar o termo biblioteca itinerante (BI) mesmo tendo um sentido similar aos das demais denominações citadas, pois este é o que mais, em minha opinião, traduz o trabalho de itinerância de uma biblioteca.

Em razão da locomoção diária de uma BI, a dinâmica é diferente das bibliotecas tradicionais. Assim, o deslocamento dos livros e outros objetos são feitos com intuito de facilitar a visitação nas diversas comunidades. Primeiramente, a criatividade é um requisito essencial para chamar a atenção do público.

O local que é alternativo tem sua estrutura montada com intuito de deixar as pessoas livres para escolherem a literatura que mais gostam. O diferencial destas bibliotecas é que, se o leitor não pode, por algum motivo, se deslocar para uma biblioteca tradicional, as itinerantes vão ao seu encontro. Mais do que espaços de leitura são espaços de troca de informação e conhecimento, além de terem um papel educacional indispensável.

Sobre o incentivo as iniciativas ligadas a leitura, está explícito, no PNLL (Plano Nacional do Livro e da Leitura) que a atuação das BI é uma proposta encorajadora e se enquadra nos eixos de ação previstos neste plano. Qualquer sugestão substantiva é aceita, todas as formas de tentar levar o livro às pessoas são vistas como propulsores da democratização. Assim, prescreve o PNLL (2003, p. 26):

Criação e apoio a salas de leitura, bibliotecas circulantes e “pontos de leitura” (ônibus, vans, peruas, trens, barcos, etc.). Atividades de leitura em parques, centros comerciais, aeroportos, estações de metrô, trem e ônibus. Leitura em hospitais, asilos, penitenciárias, praças e consultórios pediátricos. Leitura com crianças em situação de rua. Espaços de leitura nos locais de trabalho.

Assim, as BI surgem como estratégia de legitimação do saber como motivador do aprendizado e do protagonismo da comunidade. Desta forma, se conseguirem unir a transformação do ato de ler com a formação de capital intelectual, isto pode sinalizar para a produção de leitores mais críticos e preocupados com sua formação intelectual e profissional. Silva (1986, p. 51) comenta que

## LEITURA E ORALIDADE

Ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate à alienação e à ignorância. [...] O ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos da consciência do leitor, que são acionados durante o ENCONTRO significativo desse leitor com uma mensagem escrita, ou seja, quando esse leitor se situa concreta e criticamente no ato de ler.

Nesta lógica, suas ações podem compatibilizar-se e complementar as iniciativas de escolas que já atuam nas comunidades. Suas estantes “flutuantes” objetivam o mesmo de uma biblioteca tradicional, também direciona suas atividades para pesquisa e a leitura, evidentemente. Seu diferencial estar na valorização do livro enquanto objeto, até então, escasso, que somado a perspectiva pedagógica faz deste espaço não apenas um amontoado de livros, mas, um espaço de reflexão sobre sua própria existência e em que isto repercuta.

A instalação de uma BI requer a reflexão sobre o porquê da não democratização do livro e da questão da exclusão como um todo. A falta de locais estruturados para esta atividade denuncia a carência de local que disponibilize livros para o ato de ler, mas a efetivação de um direito básico e decisivo para atuação e legitimação do ser social. Perrotti (1999, p. 34) *apud* Prado (1999) sobre a criação de instituições ligadas a leitura acrescenta que

A formação de uma sociedade leitora envolve não apenas a criação de instituições indispensáveis à sua constituição (escolas, bibliotecas, editoras, livrarias, entre outras), como também uma reflexão aprofundada sobre a natureza dessas instituições, o sentido de suas orientações e de suas práticas.

O espaço informal e volante das BI requer uma prática pedagógica diferenciada, haja vista representarem um espaço de transcrição do aprendizado dinâmico que se configura através das visitas aos lugares mais distantes e difíceis de chegar, seu trabalho envolve toda uma metodologia de iniciação e sedução do leitor. Algumas BI, para conseguirem se firmarem em uma comunidade utilizam-se de ferramentas lúdicas e artísticas para atraírem não apenas crianças e adolescentes, mas toda a comunidade, independente da idade.

Em alguns lugares, são somente as bibliotecas itinerantes que levam a informação através de jornais, revistas, paradidáticos, gibis, entre outros. Para incentivo à literatura, utiliza-se de diversas metodologias para conquistar novos leitores e espaços de divulgação.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A questão educacional e cultural em nosso país expressa o alcance que as políticas devem atingir através do conhecimento das causas, só para citar: falta de escolas públicas de qualidade e bibliotecas públicas estruturadas, professores concursados capacitados, são alguns dos problemas que delineiam o mapa do analfabetismo e da falta de interesse pela leitura.

Assim, em relação às políticas de acesso à leitura, algumas iniciativas estão em andamento, consolidou-se o Plano Nacional do Livro e da Leitura, que visa investir na popularização da leitura, resultado da atuação dos ministérios da Cultura e Educação.

A proposta do plano visa unir forças com o empresariado, governo e sociedade civil no intuito buscar soluções para a problemática da valorização e popularização da leitura e do livro. Os eixos principais do plano são: democratização do acesso, fomento à leitura e à formação de mediadores, valorização do livro e comunicação, e desenvolvimento da economia do livro (PNLL, 2003).

O plano prioriza a abertura de bibliotecas e incentivo a mediadores. Segundo o PNLL (2003, p. 21),

A política cultural em voga no Brasil parte de uma perspectiva sistêmica, que se desdobra em três dimensões, as quais são absorvidas por este plano para o setor de livro e leitura: a cultura como valor simbólico, a cultura como direito de cidadania e a cultura como economia.

Os três eixos englobam valores, direito e economia, o que representa uma política interessada em atingir os valores culturais das pessoas, seus direitos e seu acesso a um bem consumível.

Dessa maneira, a leitura não pode ser entendida como algo deslocado do cotidiano das pessoas, dessa forma, trabalhar a diversidade e o contexto em que os envolvidos estão inseridos é um passo importante para formação de leitores mais conscientes e que se reconheçam enquanto formadores de opinião crítica.

Enfim, a popularização do livro e da leitura demanda iniciativas que aos poucos vão fazendo grande diferença, a mudança de hábito é algo a ser trabalhado desde as idades iniciais e incentivadas durante toda a vida. Dessa forma, a efetivação de políticas públicas com este objetivo é extremamente necessária, pois trata de um investimento em capital intelectual, o que sinaliza na construção de cidadãos críticos e politizados.

## LEITURA E ORALIDADE

### REFERÊNCIAS

- Educação no Brasil. Disponível em: <http://educacao-ja.org.br/content/view/255/1>. Acesso em: 07/07/2008.
- Estatísticas. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 10/07/2008.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GADOTTI, Moacir; GUTIERREZ, Francisco (Orgs.). *Educação comunitária e economia popular*. São Paulo. Cortez. 1999.
- O Brasil é um país de leitores? *Revista da Cultura*. Junho 2008, nº11. Disponível: [http://www2.livrariacultura.com.br/culturaneuws/rc11/inc\\_comum/revista\\_cultura\\_site\\_11.pdf](http://www2.livrariacultura.com.br/culturaneuws/rc11/inc_comum/revista_cultura_site_11.pdf). Acesso em: 06/07/2008.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *A democracia no cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 1999.
- PNLL. Disponível: <http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/default.asp>. Acesso em: 06/07/2008.
- PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papirus, 1986.
- QUINTANA, Mário. *Do caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1973.